

RESENHA

OMENA, Luciane Munhoz de & FUNARI, Pedro Paulo Abreu.(Orgs.)
Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano. Paco Editorial, 2016.

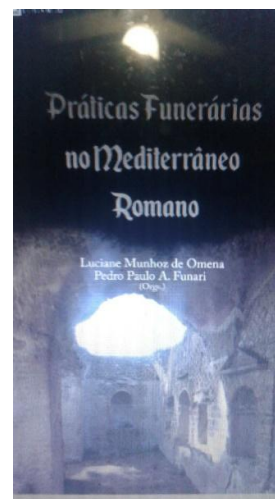
Memória e morte no mundo romano

DOUGLAS CARNEIRO*

Este texto analisa o mais recente título organizado pelos professores Doutora Luciane Munhoz de Omena e Doutor Pedro Paulo Funari, da Universidade Federal de Goiás e Universidade Estadual de Campinas, respectivamente intitulado: “Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano”. O livro, com aproximadamente duzentas e vinte e sete páginas, busca fazer uma síntese sobre as práticas mortuárias romanas até o presente momento. “O livro é dividido na seguinte sequência: “Apresentação”, “Prefácio”, do professor Dr. Airtton Pollini, “Aspectos Legais do Mundo Funerário Romano” escrito por José Remesal Rodriguez, “*Monimenta Mortuorum: Memória e Religião em dois monumentos mortuários ciceronianos*” de Cláudia Beltrão da Rosa; “Tecendo o fio entre a memória e a morte: à luz do túmulo de Otávio Augusto” de Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo de Abreu Funari; “Lápides Funerárias e Ritos de Passagens entre os romanos no início do principado: o que a morte pode nos dizer sobre a vida” escrito por Renata Senna Garrafoli; “El Monumento Funerario Del veterano L. Poblicio (colônia s. I.d.C) y la cultura literária de los soldados romanos en el Alto Imperio” de Dario N. Sanchez Vendramini; “A Morte no Apocalipse” de Maria Aparecida de Andrade de Almeida e Pedro Paulo de Abreu Funari; “Práticas Funerárias e Martírios: Morrendo pela Fé

cristã, enterramento como lugar de memória na concepção de Prudêncio” de Ana Teresa Marques Gonçalves, e o último capítulo intitulado: “As relíquias dos mártires como esteio dos bispos: Melécio e o culto de Bábilas em Antioquia(século IV d.C)” de Gilvan Ventura da Silva e Érica Cristhyane Moraes da Silva. Na apresentação da obra, Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo de Abreu Funari afirmam que a morte é a única certeza da vida, e segundo alguns, a preocupação com a lembrança do morto, está no início do ser humano enquanto espécie. O enterramento, nos primórdios do *homo sapiens*, seria a marca da humanidade preocupada em perenizar de alguma forma a vida daqueles que se foram. Assim, eles entendem como o cuidado com o corpo e a associação com as funções do funeral estariam correlacionados com o progresso de reintegração dos enlutados, em especial, atuavam na separação de vivos e de mortos. O prefácio faz referência a duas importantes obras que tratam sobre práticas mortuárias no mundo grego: *Iliada* de Homero e *Antígona* de Ésquilo.

Por outro lado, de todos os contextos arqueológicos do mundo clássico, em geral são as tumbas que melhor oferecem melhores condições de análise; se a tumba for encontrada intacta o contexto está



selado e protegido de interferência posterior. No primeiro capítulo José Remesal Rodriguez chama atenção sobre como a evolução do estudo da Antiguidade levou a dividir o conhecimento de modo excessivo já que muitas vezes a Antiguidade é estudada em uma só disciplina. Rodriguez ainda diz que a respeito do estudo do mundo funerário romano é palpável a atomização da investigação, particularmente notável entre os estudos jurídicos e arqueológicos. Nota-se que a visão romana da morte carecia de uma definida perspectiva do além-túmulo; um indivíduo para sobreviver como tal necessitava de alguém que recordasse sua existência. No segundo capítulo, Cláudia Beltrão da Rosa busca avaliar uma vasta necrópole ao longo da via Apia reunindo túmulos de famílias importantes descritas na *Tusculanae* de Cícero. A autora chama atenção em especial para dois túmulos: o primeiro seria do matemático Arquimedes e o segundo um *Fanum* dedicado a Túlia filha de Cícero que tinha falecido recentemente. Já que, diante da morte a família tornava-se funesta, Beltrão Rosa conclui que o *Fanum Tuliae* era um projeto de divinização privada e Cícero deixava bem claro em sua correspondência que sua filha só viveria enquanto lhe fosse prestado um culto. No terceiro capítulo, Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo de Abreu Funari chamam atenção de seus leitores para a importância do monumento como forma de produção social e de memória, citando como exemplo o túmulo de Otávio Augusto, já que em 2014 foram comemorados dois mil anos da sua morte. A leitura feita por estes autores é que a escolha da *domus* imperial talvez esteja ligada não propriamente à relevância do sítio arqueológico composto por um complexo arquitetônico, mosaicos e pinturas parietais, mas sim questões que margeiam o campo político e econômico

em nossa própria época. Munhoz de Omena e Abreu Funari ressaltam a importância do *Mausoleum* de Augusto e suas múltiplas faces e reapropriações ao longo dos séculos, pois este não serviu apenas para exaltar a memória dos falecidos que ali jaziam, mas também mostra a presença dos fascistas italianos que aproveitaram deste monumento para reafirmar sua história e a construção de uma identidade que se baseava hipoteticamente nos romanos. No quarto capítulo, a historiadora Renata Senna Garraffoni diz que nascimento, envelhecimento, passagem do tempo e morte são temas complexos que podem ser analisados de maneira interligada, apesar de variarem historicamente, mas que nem sempre os estudiosos se atentaram a estas temáticas. O primeiro problema que a autora chama atenção é: quais são os tipos de documentos que serão analisados dentro dessa perspectiva; em especial as narrativas textuais (Trimalchião) e a cultura material, em especial as lápides de gladiadores. Não há dúvidas que as arenas dos gladiadores estabelecem uma relação profunda entre religiosidade, morte, memória e poder. O quinto capítulo escrito por Dario N. Sanchez Vendramini chama a atenção pelo fato de estudar as relações entre um monumento funerário dedicado a um soldado romano e a cultura literária no alto império romano. Os estudos historiográficos sobre o valor social premiado a literatura em Roma tem sido limitados geralmente a informação proporcionada por fontes literárias. O seu enfoque permaneceu, por tanto tempo, centrado quase que de forma exclusiva nas perspectivas dos membros da elite. Na primeira metade do século primeiro depois de Cristo, o veterano romano *Lucio Poblicio* edificou para si e alguns membros de sua família um imponente monumento funerário fora da cidade de Colônia. O mesmo foi erigido ao sul das

antigas muralhas da cidade, a beira do Reno, junto a um caminho que ia em direção a cidade de Bonn. Uma vez que a totalidade desse material recuperado esteve nas mãos do Römisch Germanisches Museum e foi o responsável pela reconstrução completa do monumento. O sexto capítulo possui a mesma temática dos demais relacionados diretamente com a morte, entretanto analisa uma narrativa literária diferenciada: O livro do Apocalipse, ou “Livro da Revelação”. Maria Aparecida de Andrade Almeida e Pedro Paulo de Abreu Funari afirmam que pouco se sabe sobre os escritos que viriam a compor o Novo Testamento; isso vale também para a obra que eles analisam. Os autores consideram as circunstâncias econômicas, sociais e culturais do Mediterrâneo Oriental entre (31 a.C-235 d.C) e mais ainda quando esta obra teria sido escrita por volta de 70 a 100 d.C. Para Andrade Almeida e Abreu Funari, no Livro do Apocalipse, a morte é anunciada e aparece associada a diversos termos tais como *Tartaro*, *Geena*, *Xeol*, *Hades*. Os autores analisam a representação dos quatro cavaleiros e quais suas funções no texto bíblico. E ainda analisam o julgamento dos mortos e a relação da morte com a comunidade cristã. O sétimo capítulo escrito pela historiadora Ana Teresa Marques Gonçalves tratando sobre as práticas funerárias e o martírio pela fé cristã. O mártir, como informa a raiz grega de seu nome, é antes de tudo uma testemunha da fé cristã. O livro e o autor analisado por Marques Gonçalves é *Liber Peristephanon* ou o “Livro das Coroas” escrito por Aurélio Prudêncio Clemente. Assim, como modelo e paradigma de

ação, o mártir teria ocupado um amplo espaço na literatura cristã. Para Marques Gonçalves, os poemas prudentinos apresentam tamanhos muito diversos.

O oitavo e último capítulo trata sobre as relíquias dos mártires Melécio e o culto a Bábilas em Antioquia no século IV d.C, escrito por Gilvan Ventura da Silva e Érica Cristhyane Morais da Silva. Os autores afirmam que no século IV a devoção das relíquias dos mártires, que já vinha se esboçando desde a segunda metade do século II, se consolida como uma das características marcantes da cristianização em curso. Em Antioquia, a consolidação ao culto aos mártires pode ser acompanhada com certa riqueza de detalhes no caso de Bábilas, antigo bispo da cidade, que foi morto por volta de 250 d.C, cuja memória é recuperada pelos cristãos num contexto de enfrentamento contra judeus e pagãos. Para Ventura da Silva e Morais da Silva, o culto aos mártires constituía um traço distintivo do cristianismo. Após uma análise criteriosa, podem-se apresentar algumas considerações: esse livro é uma obra que faz refletir sobre as práticas mortuárias do mundo romano. Os autores procuram fugir das análises tradicionalistas dos livros que nos são apresentados, demonstram grande erudição em seus argumentos, e trazem luz novos debates historiográficos em uma escrita leve e prazerosa de ser feita.

Recebido em 2018-08-25

Publicado em 2018-09-18



* DOUGLAS CASTRO CARNEIRO é doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás.